

PÍLULA

Título: Ruim para a saúde, ruim para o planeta

THEO: Esse episódio tem apoio da ACT Promoção da Saúde, uma organização sem fins lucrativos que atua em áreas como controle de tabaco e alimentação saudável, sempre com foco na defesa de políticas de saúde pública. A ACT ajudou a gente a viabilizar nossa ida para a COP, em Belém, que rendeu bastante conteúdo nos últimos meses. Se não ouviu, depois aproveita o fim de ano para tirar o atraso. E se você já ouviu, muito obrigada pela companhia. A gente fica feliz, até porque deu um trabalhão.

– INÍCIO DO EPISÓDIO –

CHLOÉ: Nos últimos meses, a gente fez chamadas especiais com a temática ambiental, episódios narrativos, mesacasts, vídeos para as redes. A gente também viajou para a COP em Belém, viu o *greenwashing* acontecendo ao vivo, e já falou bastante sobre como grandes empresas poluidoras aproveitaram o megaevento para tentar se venderem como sustentáveis.

CHLOÉ: Mas os casos que a gente vai abordar nesta pílula são tão esquisitos que merecem uma apuração à parte. No meio de tanta empresa do agronegócio, de mineração e de combustíveis fósseis, três setores que também estavam lá propondo soluções podem ter passado despercebidos: o do tabaco, o do refrigerante e do álcool.

CHLOÉ: A Philip Morris, uma das principais fabricantes de cigarro do mundo, participou ativamente da Blue Zone, a área mais importante da COP, onde acontecem as negociações. Ela tinha representante falando em painéis, era parte da caravana do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável e tinha até lobistas integrando a delegação brasileira.

CHLOÉ: Já a Ambev, a maior empresa de bebidas do Brasil, patrocinou o pavilhão da Confederação Nacional da Indústria, também na Blue Zone. E perto das docas, a principal zona turística de Belém, ela estava apoiando um espaço temático do Guaraná Antarctica, com venda de comidinhas locais e distribuição grátis de refrigerante. Eu e o Pedro Belo, aqui do time, inclusive tomamos um tacacá e ficamos de boa por lá. Na Agrizone, o Pedro também viu a presença do grupo japonês Asahí, que produz diversas cervejas.

CHLOÉ: Mas, afinal, o que cigarro, refri e álcool têm a ver com a COP30? E por que essas empresas gigantes estão preocupadas em marcar uma presença positiva na discussão sobre clima?

CHLOÉ: Eu sou a Chloé Pinheiro e esse é o Ciência Suja, o podcast que mostra que, em crimes contra a ciência, as vítimas somos todos nós.

VINHETA ABERTURA

CHLOÉ: Pode um cigarro ser sustentável? Na COP30, a Philip Morris estava defendendo essa ideia com exemplos de ações em prol do meio ambiente, como um programa que ensina práticas de conservação de recursos hídricos a pequenos produtores do Rio Grande do Sul, o estado que mais produz tabaco no Brasil. Escuta aí esse trecho de uma matéria do portal ESG Inside:

CONTEÚDO DA DA ESG INSIDE

A agricultura familiar regenerativa é outra pauta da Philip Morris Brasil. O Projeto Auéra, por exemplo, desenvolvido com a Embrapa desde 2019, incentiva práticas de manejo sustentável do solo e da água.

CHLOÉ: Se você acompanhou nossa cobertura, já reconheceu esse termo: agricultura regenerativa. Sim, é o mesmo que estava predominando na Agrizone, aquela grande sede do agronegócio na COP. O tabaco, afinal de contas, também é agro, e as pegadinhas discursivas dessa indústria não são muito diferentes daquelas usadas pelos grandes produtores de soja ou outras commodities. Quem explica isso pra gente é a Mariana Pinho, que cuida de políticas de controle de tabaco na ACT.

MARIANA PINHO

Sempre o meio-ambiente tá caminhando aí na agenda dessas empresas. A gente sabe também que isso não é só para limpar a imagem por conta do que se construiu, mas isso também tem a ver com os investimentos. Essas empresas têm os seus relatórios de sustentabilidade, que eles têm que apresentar as ações que estão fazendo para mitigar seus impactos.

CHLOÉ: A Mariana elencou muitas ações promovidas pela indústria do tabaco: aquela da proteção das águas apresentada na COP, algumas de ensino de agroecologia, outras de combate ao trabalho infantil. Ela contou que, nos últimos anos, essas empresas intensificaram suas ações de responsabilidade social corporativa. A Philip Morris investiu R\$5 milhões em um projeto chamado Floresta Viva, em parceria com o banco BNDES, que é público. Enfim, coisas que são muito publicizadas pelos fabricantes.

CHLOÉ: A questão é que é tudo muito pontual perto do estrago que o cultivo de tabaco provoca no meio ambiente e na saúde. Vamos aos fatos. Primeiro, tem um uso intenso de agrotóxicos, que a gente nem vai entrar muito no mérito aqui — mas aguarde que ano que vem vai ter bomba sobre o assunto.

CHLOÉ: Pensando só em clima, as atividades deste setor liberam anualmente 84 milhões de toneladas de dióxido de carbono na atmosfera, o equivalente a mais ou menos 20% da contribuição da aviação civil — ou seja, não é pouca coisa. Elas também contribuem para 5% do desmatamento global.

MARIANA PINHO

Muitas vezes, e daí eu vou falar de maneira geral, não é uma questão do Brasil muito forte, mas existe, sim, uma destruição de áreas, de retirada de árvores para aumentar a

área de cultivo e também para extrair a madeira para que as folhas possam ser secas em fornos.

CHLOÉ: Enquanto o desmatamento no Brasil caiu como um todo, e todo mundo comemorou isso, nas cidades que concentram plantações de tabaco, o cenário é outro.

MARIANA PINHO

Venâncio Aires, um dos principais polos da produção de tabaco no Brasil, registrou, em 2024, o maior índice de desmatamento desde a série histórica de 2019. A área desmatada no município saltou de 3,6 para 14 hectares, um aumento de 292.

CHLOÉ: A Mariana até pondera que não dá para estabelecer uma relação direta, mas...

MARIANA PINHO

O avanço acende um alerta em relação à crescente pressão sobre os remanescentes de vegetação nativa na região, mas não dá para estabelecer uma relação direta. Mas a região ali é onde abriga as fábricas da BAT, Philip Morris e JTI.

CHLOÉ: Enfim, esse impacto ambiental começa na plantação, mas se arrasta por todo o processo de fabricação e consumo, até a última bituca, que é cheia de microplásticos e substâncias tóxicas. Sim, a gente fica impressionado com aquelas cenas de tartarugas e golfinhos com pedaços grandes de plástico no estômago, mas aquela bituquinha pequena, aparentemente inofensiva, representa um problemão.

MARIANA PINHO

Os microplásticos fazem muito, muito mal para organismos marinhos que são essenciais para vida do planeta. Então, microplásticos são encontrados em micro-organismos marinhos que são essenciais na cadeia da vida marinha. Então assim, vai prejudicar o peixe que depois a gente vai comer. As algas marinhas que vão produzir o oxigênio.

CHLOÉ: Uma curiosidade aqui é que o pessoal que atua nas negociações sobre o controle do tabaco no mundo tem a sua própria COP, que aconteceu meio junto com a COP30, a do clima. E embora lá o assunto não seja a emergência climática diretamente, a pauta do impacto ambiental estava quente. Inclusive essa questão das bitucas. Uma comitiva não oficial de lobistas e políticos pró-tabaco circulou por lá falando sobre o assunto. Olha só que sabor de picaretagem esse papo, pescado de um texto do Observatório sobre as Estratégias da Indústria do Tabaco da Fiocruz:

TEXTO DO OBSERVATÓRIO

Segundo o jornal GAZ, a comitiva brasileira afirma que “o filtro no Brasil não é mais feito de plástico, mas de acetato de celulose, um material biodegradável derivado do eucalipto, o que colocaria o país à frente neste quesito”. No entanto, o acetato de celulose é, sim, um material plástico semi-sintético.

CHLOÉ: É de rir de desespero, né? A boa notícia é que a delegação oficial do Brasil teve um papel de destaque e se mobilizou para que a questão ambiental entrasse oficialmente nas decisões da COP do tabaco. O texto final menciona a importância de monitorar os impactos ambientais e de expor e combater o *greenwashing* feito por essas empresas.

CHLOÉ: Quando a gente acrescenta a esse cenário o dano à saúde, a coisa fica ainda mais feia. Eu estou falando de mais de 170 mil mortes atribuíveis ao tabaco no Brasil todos os anos, sem falar das inúmeras complicações de saúde. A cada R\$1 de lucro da indústria do tabaco, o Brasil gasta R\$5 com doenças associadas a ele. Juntando essas duas pontas, parece até meio óbvio afirmar que ações isoladas de responsabilidade social não dão conta de reduzir esses danos.

MARIANA PINHO

Então, se eles fossem tão eficazes nesses projetos como eles são na produção da dependência, a gente não teria esses problemas que a gente tem enfrentado.

CHLOÉ: É por isso que a ACT começou a trabalhar com o conceito de duplo impacto, e isso vai para outras áreas da atuação dela, aliás.

MARIANA PINHO

O duplo impacto veio justamente da gente mostrar o impacto para além da saúde dos produtos nocivos à saúde. Assim, que eles não só fazem mal à saúde, mas também fazem mal ao meio ambiente. E daí quando eu falo dos produtos nocivos, eu estou falando do álcool, do tabaco, dos ultraprocessados, bebidas adoçadas, né? Assim, principalmente desses que estão aí relacionados às doenças crônicas crônicas não transmissíveis.

CHLOÉ: É, pode acreditar que a cervejinha tão presente no cotidiano do brasileiro também tem relação com a crise ambiental. Mas quem vai falar mais sobre isso para dar uma folguinha para a Mariana, é a Laura Cury, coordenadora do projeto de Controle do Álcool da ACT.

LAURA CURY

Então, só para te trazer aqui alguns dados: para produzir 1 litro de cerveja, você deve ter visto no na nossa campanha, a gente precisa de quase 300 litros de água. São 298 litros de água. Para produzir vinho, é o dobro ou até mais. A gente tem estimativas que mudam bastante, mas entre 500 e 900 litros de água para 1 litro de produção de vinho.

CHLOÉ: A Laura Cury explicou que o uso intenso da água é a principal preocupação em relação a essa indústria. E não é só uma questão de quanta água se usa, mas do que acontece com a água que sobra depois. Porque o resíduo é um líquido cheio de substâncias tóxicas, que contaminam a fauna e os cursos d'água nos locais de fabricação. E tem também um impacto na poluição atmosférica.

LAURA CURY

É uma pegada de carbono bem alta e subestimada. Porque geralmente a gente fala mais de água mesmo, porque a gente tem mais certeza assim dos dados, mas eu estava olhando aqui para nossa conversa que uma garrafa de vinho pode gerar mais de 1 quilo de CO₂. O destilado é o dobro ou mais do dobro, chegando a quase 3 quilos de CO₂.

CHLOÉ: Se a gente fizer uma conta de padaria aqui, baseada na estimativa de que cada brasileiro consome pouco mais de 3,5 garrafas de vinho ao ano, são 700 toneladas de CO₂ por ano só de pegada de carbono de vinho. Já uma cerveja de 355 ml gera a mesma poluição de um carro movido a gasolina percorrendo 1,3 quilômetro. Enfim, essas comparações sempre têm limitações, mas realmente existe um monte de números do tipo em estudos. E, ao mesmo tempo, as principais cervejarias do mundo prometem se tornar “carbono zero” nos próximos anos.

LAURA CURY

São propagandas que mostram: “Olha como nós somos boazinhas e preocupadas com o meio ambiente”. Mas mesmo que faça alguma coisa, vamos supor, a gente vai reflorestar uma área. É legal, mas é muito pouco quando você compara com o impacto negativo que já é causado. Ou tem meta de descarbonização, mas que é baseada em compromisso voluntário, vai colocar a meta que quer, não tem fiscalização, não tem nenhum tipo de penalização, se isso não for cumprido.

CHLOÉ: E a indústria do álcool também contribui para crise do plástico. Você vai ouvir a Laura Cury de novo, mas repara que aqui, ela vai juntar a indústria do álcool com a do refrigerante e de ultraprocessados. Até porque algumas dessas empresas produzem tudo isso, né. Nesse trecho, a Laura estava mencionando que a Coca-Cola é a principal poluidora plástica do mundo, segundo um relatório do movimento *Break Free From Plastic*.

LAURA CURY

Aliás, a indústria de ultraprocessados de modo geral. Coca, acho que primeiro, Nestlé em segundo, PepsiCo em terceiro. Mas gigantes da indústria do álcool, como a parte internacional da Ambev, a ABInBev, a Heineken, a Carlsberg, também estão entre os principais poluidores plásticos do mundo. Na Europa, Heineken é a terceira maior poluidora.

CHLOÉ: Para disfarçar, essas empresas dizem que investem na reciclagem. Só que, na prática, menos de 10% do plástico no mundo é reciclado, e não tá rolando uma tendência de aumento, não. Então a enorme maioria do plástico vai parar mesmo é em aterros, rios, mares, ruas, campo... Tem microplástico até no ponto mais profundo do oceano, a Fossa das Marianas, e no pico do Everest.

CHLOÉ: Ah, e vale dizer que a Coca-Cola também marcou presença na COP30, patrocinando um programa de capacitação de moradores de Belém para atuar no turismo e dando aulas de inglês.

CHLOÉ: A Ambev, como a gente destacou, também tava por lá, cheia de promessas:

MARIANA PINHO

[Chloé] Qual o problema? O por que que não adianta fazer um projeto como esse com o modelo de negócio que essas empresas tem, né?

[Mariana] As práticas das empresas de maneira geral devem mitigar o problema que elas causam, né?

CHLOÉ: E isso vale tanto pras bebidas quanto pro cigarro. Não adianta bancar um projeto de preservação de uma pequena área se eu estou despejando agrotóxicos aos montes no resto do bioma. Ou falar que vou aumentar a reciclagem do plástico enquanto sigo escalonando a produção de novas garrafinhas. Ou jurar que sou mais sustentável e basear isso nas minhas próprias alegações, sem nenhuma fiscalização isenta para comprovar o que eu tô falando.

CHLOÉ: O que funcionaria mesmo, segundo as melhores evidências, é apertar o cerco tributário e regulatório a essas empresas. Porque, no fim, toda essa maquiagem acaba funcionando como uma forma de escapar das regulamentações. Aqui no Brasil, a principal aposta para equilibrar um pouco a conta é a reforma tributária e a elaboração de políticas públicas que fiscalizem ações ambientais.

LAURA CURY

Que a gente precisa ter são metas absolutas de redução plástica, que precisa proibir ou tributar plástico de uso único. Aliás, a própria tributação da bebida alcoólica, como está colocada dentro da reforma tributária agora, vai ter o imposto seletivo para incidir sobre produtos que fazem mal à saúde ao meio ambiente, que é o caso da bebida alcoólica. Isso em si também já ajudaria, porque se você diminui consumo, você também diminui para a produção, né?

CHLOÉ: A indústria do tabaco e a das bebidas hoje se valem de benefícios fiscais e escapam do custo que os seus produtos causam para saúde pública, e para o meio ambiente. Se a ideia é realmente reduzir esse duplo impacto, pagar mais impostos é o começo de uma saída. Trocando em miúdos: elas precisam colocar a mão no bolso e compensar para a sociedade ao menos um pouco dos prejuízos causados nos últimos séculos.

ENCERRAMENTO

CHLOÉ: Recadinho rápido antes dos créditos: se você quiser saber mais sobre o assunto, a ACT publicou esse ano um material muito bom disponível no site, a edição número 1 da [revista digital](#) chamada *Por Trás dos Lucros*. A gente recomenda a leitura! Agora toca daí, Theo.

THEO: Esse episódio do Ciência Suja foi escrito e apresentado pela Chloé Pinheiro.

THEO: A edição, trilhas, mixagem e masterização são do Felipe Barbosa. A gravação aconteceu no estúdio Tyranossom. Ricardo, obrigado por mais um ano, meu caro.

THEO: O roteiro foi editado por mim, com apoio do time todo do Ciência Suja.

THEO: Além do apoio da ACT para esse episódio, o Ciência Suja é financiado pelo Instituto Serrapilheira, que fomenta a pesquisa e a divulgação científica no Brasil.

THEO: É isso, gente. Agora a gente vai fazer uma pausa nas produções, mas entre janeiro e fevereiro estamos de volta. Boas festas!